

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Número 5 Fevereiro 2018

Ensaios

Carlos Fortuna .3
Fraya Frehse .7
Rômulo de Oliveira .8

Entrevista

Jorge Galindo Monteagudo .4

A sociologia mexe

Silvia Ferreira .9
Hermes Augusto Costa .20
As casas vistas por dentro e vistas por fora. 22
Jogos Europeus Universitários .25

À margem

Eber Quiñonez .10
Ensaio Fotográfico |
Doutorandos em Sociologia
Cidades e Culturas Urbanas. 12

Vai e Vem

João Ramiro e Ricardo Almeida. 11
Rafael dos Santos da Silva .19
Janina Suárez-Pinzón . 21
Claudino Ferreira .23

Memória

Fernando Ruivo . 14

No terreno

Paulo Nunes .16

Projeto

URBINAT | Equipa CES .17

Ganhar a vida

Inês Almeida . 24

Ufa!

Teses e dissertações . 26

Eventos

I Jornadas da Sociologia. 28
X Congresso Português de Sociologia . 28



GEORG SIMMEL
1858 - 1918

Editorial

No ano em que a sociologia de Coimbra assinala os 30 anos sobre o início da respetiva licenciatura, na FEUC, o número 5 da *Prisma.soc* vem, mais uma vez, dar testemunho da vitalidade e do crescimento da nossa comunidade que, passadas três décadas, acolhe também o mestrado e o doutoramento em sociologia e vários outros doutoramentos temáticos, em colaboração com o Centro de Estudos Sociais – CES e outras Faculdades da Universidade de Coimbra. O número de teses, dissertações e relatórios de estágio defendidos neste último ano testemunham de forma indelével o efeito multiplicador que, desde 1988, aqui se tem vindo a gerar.

O diálogo com diferentes áreas disciplinares é a matriz que marca esta história, herdada da tradição da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, também ela a celebrar 40 anos, e que se manifesta, entre outras coisas, nos percursos singulares traçados por vários colegas, como o Fernando Ruivo, recentemente aposentado.

Ao mesmo tempo que reconhecemos esse radical, reclamamos também o cuidado com a (re)leitura dos autores da tradição sociológica. Testemunham-no o esforço pioneiro do Carlos Fortuna para divulgar, no nosso país, a obra de Georg Simmel, ou o trabalho do António Casimiro Ferreira no seu recente livro *Émile Durkheim: o social, o político e o jurídico*. Ou ainda a convocação feita nesta *Prisma.soc*, a propósito do centenário da morte de Simmel, de reflexões que focam a atualidade dos seus contributos seminais e da sua original abertura a múltiplos diálogos, como o que se ensaia com a obra de Henri Lefebvre, *O Direito à Cidade*, agora cinquentenária.

A sociologia de Coimbra mexe e mexe-se, pois, num universo lato e plural de referências e de experiências. De algumas delas procuramos aqui deixar registo. Umas têm lugar na FEUC, convocando parcerias institucionais, nacionais e internacionais. Outras remetem para o espaço que é proporcionado pelo CES, a Universidade de Coimbra e a própria cidade. E outras ainda convocam intercâmbios e mobilidades para outras universidades, para terrenos de pesquisa ou para outros espaços de aprendizagem. Todas convocam, em tempos descompassados, gente diversa, vinda de muitos lados, menos e mais distantes, capaz de se envolver, comprometer, produzir e imaginar uma comunidade porosa que se exprime nesta newsletter, através de um conjunto de contributos que sabemos generosos e que esperamos possam continuar a ser refeitos.

2018: ANO DO REENCONTRO DE G. SIMMEL E H. LEFEBVRE

Carlos Fortuna

Professor de Sociologia da FEUC

Fica declarado pela *Prisma.soc*, tão solene como modestamente, 2018 como o ano da celebração de duas enormes ocasiões da história da Sociologia: o centenário da morte de Georg Simmel (Berlim, 1858 - Estrasburgo, 1918) e os cinquenta anos da publicação de *O Direito à Cidade* de Henri Lefebvre (Paris, Anthropos, 1968).

A circunstância desta celebração simultânea reside na marca que herdámos, por um lado, de um pioneiro da Sociologia, que dizia não ter seguidores e, de outro lado, da obra com que Lefebvre abria caminho à reflexão crítica sobre a cidade e o mundo urbano. Não ter seguidores e declarar-se sem herdeiros, quando a Academia convive com casos em que o ensino busca a fidelidade ou a vassalagem intelectual, revela a notável modéstia de um Simmel que via o seu pensamento como património suscetível de usos e destinatários diversos. Neste sentido, também Lefebvre merece homenagem quando mostrava profunda desconfiança sobre as explicações do mundo assentes num único autor ou escola de pensamento.

Se a escolha intelectual é livre e o uso plural das fontes imprescindível, nesta homenagem simultânea, opto pela condição urbana como tema e pela tentativa de aproximação de Simmel e Lefebvre como método. Outros apontamentos incluídos nesta *Prisma.soc* fazem justiça a estes nomes e ao seu possível encontro. Fixados então na questão urbana, sabemos que para Simmel o que as grandes cidades da era industrial trouxeram de novo foram os contínuos sobressaltos psicossensoriais a que os sujeitos ficaram expostos e perante os quais buscaram uma resposta calculista e de reserva individual. O sujeito *blasé*, ausente nas pequenas cidades, surge então como uma expressão particular das novas sociabilidades urbanas. Mas o sentido amplo da urbanidade moderna carece de outras linhas de

entendimento além das reações psicoemocionais dos sujeitos. É aqui que *O Direito à Cidade* revela como a cidade moderna é efeito das transformações profundas do capitalismo que torna residuais as modalidades antigas de produção e de convivência política e social. A cidade de *O Direito à Cidade* não assenta mais sobre o conflito da cidade com as aglomerações urbanas do passado, mas sobre o conflito da cidade consigo mesma.

Recentemente a ONU veio declarar que em 2011 a população urbana passou os 50% da população mundial. Esse cenário demográfico já Lefebvre tinha enunciado no plano da cultura política quando abria um outro livro seu com a sonante afirmação de que “a sociedade está completamente urbanizada”. Tal reforça a perspetiva do direito à cidade não tanto como questão individual, mas como garantia política de direito coletivo à condição urbana plena.

Assim, do indivíduo *blasé* de Simmel chegamos aos direitos de cidadania urbana de Lefebvre. Mas se o mundo de hoje é todo urbano e a cidade está em conflito consigo mesma, como será que as profundíssimas e crescentes desigualdades sociais das cidades poderão dar lugar a uma plena cidadania urbana? A interrogação que deriva mais de *O Direito à Cidade* do que de *A Metrópole e a Vida do Espírito* faz aproximar o que parecia distante: os indivíduos e a política. Por outras palavras, aproxima inesperadamente Simmel e Lefebvre.

Neste mundo em que o “humano” se lê como “urbano”, o direito aos direitos de cidadania enuncia-se como trajeto a percorrer desde o fechamento *simmeliano* dos sujeitos até à mobilização insurgente dos seus recursos mentais e sociais para combater *lefebvrariamente* as investidas políticas de destituição. ■

ENTREVISTA A

JORGE GALINDO MONTEAGUDO

Professor da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM-C), Unidad Cuajimalpa, México

por **Violeta Rodríguez**

Doutoranda em Sociologia –
Cidades e Culturas Urbanas na FEUC

Esta entrevista tiene como marco el centenario de la muerte del filósofo y sociólogo berlinés Georg Simmel (1858-1918) quien en su tiempo marcó nuevas pautas para abordar el mundo social y sus fragmentos. El objetivo del diálogo es estimular nuestra imaginación sociológica tomando como base los cuadros interpretativos simmelianos para reflexionar y debatir sobre algunos fenómenos sociales contemporáneos.

1. Hoy en día Georg Simmel es considerado uno de los pensadores más importantes de la sociología. Él afirmó que no tendría herederos intelectuales sino un patrimonio repartido, cada heredero podría recoger los fragmentos compatibles con su propia naturaleza o interés heurístico. Para usted, ¿cuáles serían las contribuciones (o fragmentos) más importantes de la obra de Simmel?

JG. Los aportes de Simmel a la sociología no sólo son múltiples, sino que son muy diversos. Mencionaré tres que me parecen centrales, aunque debo advertir que hay muchos más. En primer lugar, Simmel nos presenta una aproximación conceptual a lo social basada en la idea de “efecto recíproco” (*Wechselwirkung*) que sienta las bases de un enfoque relacional. Hoy en día existe un gran debate en el ámbito de la reflexión teórica en la sociología sobre las ventajas que ofrece un enfoque relacional respecto a un enfoque basado en los atributos de los componentes. Un segundo aporte de Simmel

puede verse en, por así decirlo, su “sociología de la modernidad”. En su gran obra *Filosofía del dinero* Simmel nos presenta un diagnóstico completo del mundo moderno a través del dinero. En dicho diagnóstico se nos presentan ideas que siguen teniendo una enorme validez. Un claro ejemplo de ellos es la consolidación de una mentalidad orientada a la cuantificación. No cabe duda de que hoy en día este diagnóstico no ha dejado de ser pertinente ya que vivimos en un mundo de *rankings* e indicadores, en el que muchas veces la cantidad toma el lugar de la calidad.

Por último, me parece importante destacar los aportes de Simmel a la reflexión sociológica en torno al espacio y la ciudad. En efecto, Simmel concibe al espacio como “la posibilidad de la coexistencia” y analiza diversos de sus atributos desde un punto de vista sociológico. Todavía de mayor impacto fue el aporte del pequeño ensayo “Las grandes urbes y la vida del espíritu” que inauguró toda una reflexión para la sociología urbana. En dicho ensayo Simmel nos habla de la actitud *blasé* del urbanita, agobiado por el exceso de estímulos presentados por la gran ciudad.

2. Simmel es conocido por no ser un académico en el sentido formal del término, inclusive fue criticado por difundir su trabajo mediante pequeños textos y crónicas en periódicos y revistas. En la actualidad existen soportes no convencionales de difusión del conocimiento como blogs, sitios web y algunas redes sociales. Existiría algún tipo de correspondencia entre estas dos formas de intercambio de conocimiento “no formal”?

JG. Hay que decir que Simmel sí buscó tener una carrera académica convencional, pero que, por diversas razones, no pudo alcanzarla, sino hasta muy tarde en su vida. El antisemitismo imperante en la Alemania de su tiempo le dificultó enormemente las cosas. Además, es bien sabido que cuando por fin logró tener una cátedra como profesor universitario no fue en su amada Berlín, sino en la remota Estrasburgo. Ahora bien, es cierto que Simmel no siempre presentó sus ideas en las formas convencionales, pero no debe olvidarse que muchas de sus publicaciones sí tuvieron la forma de libros y artículos convencionales (por así decirlo). Hay, sin embargo, en el pensamiento de Simmel una innegable afinidad con el ensayo. De hecho, muchos de los mejores momentos de Simmel aparecen, justamente, en estos pequeños ensayos que escapan al texto estrictamente académico o científico. En mi opinión, dicha afinidad tiene que ver con la forma “fragmentaria” del pensamiento de Simmel. En efecto, ni siquiera en sus grandes obras Simmel suele presentarnos una imagen sistemática y “total” de un fenómeno, sino que nos presenta fragmentos de dicho fenómeno, cómo éste se manifiesta en lo infinitamente pequeño. En este sentido, no cabe duda que las nuevas plataformas de difusión de la información y el conocimiento se prestan para una aproximación simmeliana a la realidad. De hecho, si se quisiera abrir un canal sociológico de *Youtube* el enfoque de Simmel sería muy útil, pues resulta mucho más atractivo para el público escuchar una reflexión sobre la coquetería o la comida que sobre la ética protestante o el suicidio.

3. Una de las obras más destacadas de Simmel es “Filosofía del dinero” donde proporciona un análisis de la influencia del dinero en las relaciones humanas. Desde el año 2009 comenzaron a operar las llamadas criptomonedas o criptodivisas que son, básicamente, un medio digital de intercambio económico. Realizando un ejercicio de imaginación sociológica, ¿qué cree usted que diría Simmel sobre esta nueva modalidad de intercambio económico?

JG: Sin lugar a dudas, Simmel estaría muy interesado en estos desarrollos. Si bien es cierto que hay muchas novedades sociológicamente atractivas en este tipo de dinero, no debemos perder de vista que, en última instancia, las criptomonedas o criptodivisas son dinero. Lo que quiero decir con esto es que ciertos rasgos estructurales identificados por Simmel en su análisis clásico seguirán teniendo vigencia. Un claro ejemplo de ello podría ser la antes mencionada tendencia a la cuantificación. Ahora bien, dado que ha pasado mucho tiempo desde que Simmel llevó a cabo estas reflexiones, resulta fundamental complementar sus ideas con desarrollos recientes en el ámbito de la sociología del dinero. En este sentido, resulta sumamente sugerente contrastar los aportes de Simmel con las investigaciones de gente como Viviana Zelizer o Nigel Dodd. Regresando al tema de las criptomonedas, no cabe duda que, a un nivel estructural, éstas podrían llegar a tener un gran impacto, pues, en última instancia, podrían llegar a restar poder a los bancos centrales y a los gobiernos. Un mundo en el que las transacciones

se hagan directamente entre usuarios es un mundo que no sólo presenta muchas posibilidades, sino también muchos riesgos.

Entre todo lo que acompaña a este interesante fenómeno, considero que a Simmel le llamarían la atención las formas de socialización que se podrían establecer. Por ejemplo, las relaciones directas entre usuarios o las formas de consenso que tendrían que establecerse para mantener el precio de una determinada moneda relativamente estable. Otro aspecto que, me imagino, hubiera sido de gran interés para Simmel es el papel que las nuevas capacidades tecnológicas tendrían en la estructuración del intercambio económico como forma de socialización. Por ejemplo, ¿cómo se vería afectado el intercambio económico en una economía donde la inestabilidad del valor del dinero no dependería ya de factores políticos o meramente económicos, sino por factores tecnológicos?

4. Como usted ha mencionado, Simmel demostró gran interés por la relación individuo-metrópolis. En la actualidad, las ciudades del sur global sostienen nuevas complejidades consecuencia de su desvinculación con las políticas de Estado. Con el encuadramiento del pensamiento simmeliano, ¿qué tipo de reflexiones podrían suscitar la configuración de las ciudades del sur global?

JG. Observar las ciudades del sur global desde la óptica de Simmel es un ejercicio por demás interesante. Lo primero que me viene a la mente al tratar de imaginar un ejercicio de este tipo es la forma en que en las ciudades del sur global nos

hemos acostumbrado a “no ver” la pobreza o la injusticia. Justo Simmel nos dice que en las ciudades, ante el excedente de estímulos, la emoción va cediendo terreno a la razón. Y yo me atrevería a agregar que, en muchos casos la razón va mutando en una suerte de justificación de cosas que termina por dificultar enormemente cualquier posibilidad de cambio. Otro aspecto interesante de la aproximación de Simmel a las ciudades es, sin lugar a dudas, la forma en que éstas generan impactos que van más allá de sus fronteras físicas. La idea de que una ciudad existe a partir de la globalidad de sus efectos es una idea sumamente sugerente para nuestros tiempos. Justo aquí vemos otro ejemplo del pensamiento relacional de Simmel, el cual nos ayuda a entender al fenómeno urbano más allá de las fronteras físicas de las grandes ciudades al centrar nuestra atención en los ya mencionados “efectos recíprocos”. Por último, la noción de que en la ciudad moderna el espíritu objetivo rebasa a la capacidad del individuo de apropiarse de los rendimientos de la cultura (espíritu subjetivo) resulta importante para dar cuenta de la forma en que el incremento de riqueza en las ciudades del sur global no se ha traducido en un enriquecimiento de la vida subjetiva de los individuos. Evidentemente esto tiene que ver en primera instancia con la desigualdad tan característica de las ciudades del sur global. Sin embargo, el problema no se detiene ahí. Como ya lo apuntaba Simmel, también la división del trabajo ha contribuido a que el crecimiento de la cultura objetiva no tenga un correlato en el crecimiento del individuo. ■

A JUVENTUDE CINQUENTENÁRIA DE *O DIREITO À CIDADE*, DE HENRI LEFEBVRE

Fraya Frehse

Professora Associada do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo

Lançado apenas dois meses antes dos protestos estudantis de maio de 1968, em Paris, sobre os quais teve profundo impacto político, o livro-manifesto *O Direito à Cidade*, do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1901-1991), chega aos 50 anos peculiarmente jovem. Se juventude designa um período biográfico de frescor ímpar, foi durante a última década, já mais do que balzaquiana, que a obra começou a rejuvenescer.

Como compreender esse revigoramento? Ele se deve ao trânsito que notadamente a noção de direito à cidade tem tido em três âmbitos sociais distintos do mundo ocidental contemporâneo: movimentos sociais, políticas públicas e os chamados estudos urbanos.

No livro Lefebvre visa explicar as contradições sociais que fundamentam historicamente a cidade capitalista dos anos 1960 tanto como espaço empiricamente existente, quanto como objeto de conhecimento científico e de ação política. Mas isso para anunciar, como possibilidade de transformação social, “o direito à cidade”, uma “forma superior dos direitos” por implicar o direito simultaneamente à liberdade e à individualização em meio à coletividade; ao *habitat* (funcionalmente quantitativo) e ao habitar (vivencialmente qualitativo); à obra (a cidade como produto humano único) e à apropriação (uso - qualitativo - da cidade, em oposição a sua propriedade – quantitativa). Ora, ao menos no mundo ocidental da última década, os movimentos sociais urbanos têm se norteados fortemente por leituras da noção de direito à cidade. Associando-a em especial ao acesso a moradia pelos mais pobres, (i)migrantes ou refugiados, é verdade que tais sujeitos acabam por imprimir um certo caráter redutor à complexidade social e cultural de usos da cidade que o próprio Lefebvre embutiu na noção, e que em 1970 sintetizaria conceitualmente no “direito à diferença”, desenvolvido em *Le manifeste*

différencialiste. Tudo isso, porém, parece importar menos, para os setores em questão, do que o vigor político que visam transmitir, ao alçar o “direito à cidade” a palavra de ordem.

E não surpreende que seja assim. Objeto de interpretações análogas pelo poder público, a noção ingressou também no léxico das políticas de habitação urbana. Em particular na França, foi instantaneamente incorporada por políticos que visavam ter os nomes associados a políticas “de esquerda” – ensejando uma dinâmica que, no cinquentenário da obra, se renova de modo único: a Prefeitura de Paris planeja para abril o colóquio “A vida em comum”, a fim de celebrar a efeméride. Que Lefebvre provavelmente se incomodasse com a institucionalização de seu pensamento pelo “sistema” não parece preocupar muito tais grupos. De fato, leituras próprias de “o direito à cidade” se transformaram em cifra para o diálogo (tenso) entre polos opostos de poder institucionalizado, no mundo urbano ocidental atual: um encravado na organização estatal, o outro na sociedade civil.

Enfim um terceiro âmbito, a seu modo simultaneamente motivação e consequência dos dois processos anteriores: o impacto de *O Direito à Cidade* em certa vertente marxiana ou marxista dos estudos urbanos atuais. Um marco foi certamente a publicação do artigo “The Right to the City”, do internacionalmente influente geógrafo David Harvey, na prestigiosa *New Left Review* em 2008. Virou pretexto para textos outros, mais ou menos críticos, no cenário francês dos 40 anos da obra. Com efeito, coincidência ou não, o intervalo 2007-2008 sinaliza para o aniversário em que o livro e/ou a expressão mais contaram com comentadores em seu cenário acadêmico de origem – antes de 2017-2018 (www.cairn.info). Tal revigoramento não é alheio aos impasses e/ou buscas recentes dos movimentos sociais em cidades nas quais a metropolização tem vindo de mãos dadas com uma periferização socialmente bastante desigual e um

enobrecimento urbano de visada especulativa orquestrados, ambos, por setores do poder público ligados ao capital imobiliário.

Em face das três tendências, o que resta em aberto é o quanto a jovialidade contemporânea de *O Direito à Cidade* deve ao conteúdo como tal da obra, ou a interpretações idiossincráticas da noção de direito à cidade. Minha impressão é de que é a segunda alternativa que tem prevalecido. O que não deixa, a seu modo, de ser alentador. Sinaliza que ainda há bastante a explorar acerca em particular da perspectiva metodológica que Lefebvre, nessa obra, anuncia para o estudo sociológico da cidade como espaço, e que desenvolverá a partir de então, em cinco livros cruciais. Aprofundar-se nessa vertente, operacional para quem estuda sociologicamente a cidade na atualidade, evidencia que também nesse âmbito a obra permanece cinquentenariamente jovem. Mas isso é pretexto para outro texto. ■

ENSAIO

EM UMA ESQUINA ENCONTRO GEORG SIMMEL E HENRI LEFEBVRE

Rômulo de Oliveira

Doutorando em Sociologia na FEUC

Uma esquina. Local de esbarrões e encontros. Perfeito para uma fantasia nossa realizada em situação frugal entre Georg Simmel e Henri Lefebvre.

Um Café se materializa para que os dois casualmente e de forma ligeira tenham uma pausa na eternidade. Em frente à janela privilegiada na esquina número 1918 da Berlin Strasse e número 1968 de Rue de Paris está Lefebvre a vislumbrar a cidade. Ao fundo um homem atravessa uma ponte em direção a porta do Café. Ele entra. É Simmel com um livro em mãos. Lefebvre sorri e acena. Simmel vai a seu encontro e senta.

- Georg, eu estava exatamente aqui a observar o encontro das ruas, ou estradas se preferir, pensando sobre A Ponte e a Porta, seu texto, e esta Janela.
- Bela escolha de posição de observação... a janela possibilita esta reunião irremediavelmente constante entre os espaços interior e exterior.
- Mais unilateral e restrita a uma cena que a porta. E não representa uma ligação de dois mundos, reflete Georg.

- Verdade, mas a janela transparente é um filtro que emoldura uma cena, um ambiente, diria eu, um recorte estimulante da cidade, se soubermos escolher. A janela é objeto interessante por permitir esta visualização, diz Henri.

Georg, coloca sobre a mesa o livro.

- Estava a ler seu livro que foi publicado após sua vinda para cá... Ritmanálise: Espaço, tempo e vida cotidiana... e lhe vejo agora a olhar através da janela.

- Estou em prática, diz Henri sorrindo.

- Perceber a vida cotidiana deste cenário de fora, atrás da janela que filtra uma quantidade considerável de ritmos e ruídos sociais que nos atrapalham a compreender a essência... é uma boa posição para nós analisarmos as sociações que se fazem. Não achas Georg?

- Como fizeste uma boa escolha de lugar, nesta esquina de duas grandes ruas, me ajuda a pensar que se ainda pudesse escrever para eles – observando a multidão e as massas que passam e se esbarram na esquina – me deteria em refletir sobre a janela como ponto que associa a reunião e a divisão. Talvez fizesse uma reflexão sobre uma nova forma de sociação dupla. Afinal a eternidade nos possibilita a conviver com a relatividade. Não achas Henri?

- Não só, acredito que o complexo social ganha alguma nitidez para ser observado em seus ritmos cíclicos e em seus ritmos alternados. E notar que a vida cotidiana não é feita de um único ritmo, mas de inúmeros, é uma bela percepção.

- Mas como acredito que o conflito é algo importante e benéfico, talvez, em meu tempo, escreveria um outro pequeno texto sobre A Estrada e a Janela, para fazer o contraponto entre A Ponte e a Porta.

Henri e Georg sorriem.

- A eternidade nos traz mais indagações, diz Lefebvre.

- Por certo, nos traz novas sociações com tempos e pessoas, complementa Simmel.

Nos afastamos, pois, a conversa é para a eternidade.

Um encontro fantasia que nos povoa de falas não ditas, mas pretendidas por quem inventa este diálogo inusitado. A referência de Lefebvre à janela, ou seja, seu ponto de observação e prisma que filtra os ritmos e ruídos que dificultam a leitura das relações sociais e como elemento importante da sua proposta de Ritmanálise, nos invoca a retomar a leitura de Simmel sobre as formas de sociação e dissociação.

Simmel aponta elementos de transparência, filtro e distância que Lefebvre valoriza para a estruturação de uma metodologia investigativa.

São tão atuais estas visões que, assomadas às novas janelas de ecrãs, permitem indagações que nos parecem fascinantes, não por serem inovadoras, mas por serem clássicas, vivas e instigadoras de constante debate e ao permitirem, ao nosso juízo, recriar alguns conceitos de ritmo e ligações na sociedade atual. ■

O ARQUIVO DIGITAL DO CENTRO HISTÓRICO DE COIMBRA

Sílvia Ferreira

Professora de Sociologia da FEUC

Os centros históricos guardam uma parte substancial da memória e da identidade da cidade, e são espaços importantes para a construção da identidade e pertença nas cidades.

O Centro Histórico de Coimbra (CHC) tem vindo a passar por várias transformações que ganharam novas configurações recentemente. A um processo de perda de centralidade e degradação das condições de vida e de trabalho associou-se, nos últimos anos, um acelerado processo de turistificação, que ocorre também em outras cidades do País e suscita questões sobre o direito à cidade e à habitação.

Ao mesmo tempo, emergem novas dinâmicas, atores e intervenções neste território impulsionando um novo olhar. Destacam-se nos últimos anos, entre outras, as intervenções em torno do Sons da Cidade, no âmbito da celebração do Património Mundial, e o Museu Temporário de Memórias.

Na sequência destas dinâmicas desenvolve-se atualmente o Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra. Trata-se de um projeto em construção a partir de uma parceria entre o Jazz ao Centro Clube e professores e estudantes do Departamento de Engenharia Informática da FCTUC e do Núcleo de Sociologia da FEUC.

Mais do que um repositório de memórias, conhecimentos e identidades, que alguns processos ameaçam atualmente, o Arquivo Digital pretende ser um objeto vivo, em permanente (re)construção e suscetível de múltiplas interações e utilizações pela diversidade de atores sociais que vivem a Cidade.

O Arquivo Digital pretende ser um objeto-rede a partir do qual se estruturam ligações entre diferentes áreas disciplinares, diferentes formas de conhecimento e saberes, diferentes atores sociais e diferentes linguagens, como a ciência ou a arte, e diferentes espaços, como a Universidade e a Cidade.

O contributo da Sociologia passa, neste momento, pelo desenvolvimento de um projeto de estágio e pelo levantamento do conhecimento produzido sobre o CHC. Perspetivam-se, futuramente, trabalhos de investigação ou de intervenção que possam contribuir para os conteúdos ou possam desenvolver-se a partir dos conteúdos existentes.

A partir do seu olhar prismático, a sociologia poderá olhar para o CHC nas múltiplas dimensões que evoca na sua complexidade, dos problemas sociais e do papel das instituições, da participação e da concretização do direito à cidade, das transformações das dinâmicas populacionais e económicas, da intervenção dos diferentes atores na governação do território, das memórias, do lazer, da cultura e das identidades construídas no e em relação ao CHC, etc.

Fica o convite para que tragam o vosso olhar sociológico para este projeto. ■



Jardim da Rua Direita



Museu Temporário de Memórias



Carlos Costa, Rua 13 Direita

EL AMOR, LA VENTA DE COCO... Y LA REVOLUCIÓN

Eber Quiñonez

Doutorando em Sociologia na FEUC

Marzo de 1991, sol costero, media tarde, día de agitaciones marinas y conversaciones amorosas. Nadie notaba nada extraño, porque no había nada que notar, era un día normal como el día anterior y como otros días.

Doña Carmen, conocida como la señora de los cocos, debido a su profesión, de media edad, morena, cabello largo, entre algunos kilos de peso, alegre, sonriente. Le gustaba siempre iniciar nuevas conversaciones, contando que, a temprana edad, era capaz de cortar con mucha agilidad, la cascara de coco y dejarlo pronto para beber y comer, como manda la tradición de quien aquí trabaja decía ella. Carlos, el marido, más conocido como el marido de la coquera, mulato, alto, poco más viejo que ella (y más pesado, además), había migrado para la costa sur guatemalteca, después de las constantes y prolongadas crisis bananeras en la costa caribeña, y de su fase de no retorno a su natal Livingston, tierra garífuna. Origen del que nadie se preocupaba, fue su segunda migración que lo aníño y lo recibió con un coco.

Acostumbrado al calor, pero también al sabor del mar, palmeras, músicas, danzas, hamacas, desde donde muchas veces posaba, junto a Carmen, para cantar y disfrutar el final del día pesado de trabajo. Día que comenzaba antes del sol salir y acaba antes de oscurecer.

Carlos, había, en su infancia humilde, aprendido dos oficios importantes que lo acompañaron para toda su vida, cortar pelo (incluyendo la barba) y tocar la guitarra, el primero lo hacía por necesidad y el segundo por placer, decía él a los amigos. Después de muchos años, finalmente había encontrado los momentos de mayor felicidad, alguien que lo acompañara cantando. Doña Carmen.

Carmen, mujer alegre, fuerte de espíritu, costera de corazón, nunca despreciaba una bella música, un coqueteo y un baile de pueblo. Después de algunas aventuras de vida, conoció a Carlos, en algunas plantaciones de café y caña. Meses después, sabían que podían vivir juntos, nunca hubo un contrato de casamiento (quizás por eso vivieron tan felices), nunca se preguntaron uno al otro sobre los hijos (talvez era un acuerdo sin palabra), nunca se preguntaron a donde ir, solo vivían, reían, se enamoraban, peleaban, discutían, pero, ante todo, estaban felices juntos.

Durante los momentos más cruentos de la guerra, la actividad del trabajo en los cortes y fincas, tuvo que cambiar, ella entonces, propuso hacer algo que sabía hacer muy bien, cortar y pelar cocos a la orilla de la playa, justo en las temporadas de baño. A Carlos, quien grande parte de su vida estaba ligada al mar, le pareció la mejor opción. Ella, retomando viejos conocimientos del fallecido padre, machete en mano, decide iniciar el negocio, él, enamorado de ella, le sigue. A pocos metros de distancia la casa que los acoge durante la noche, alejada del conjunto de casas de la aldea, a la vera del camino, pasan las tarde cantando, la vieja guitarra de Carlos acompaña.

De las músicas más escogidas, resaltaba un clásico romántico viejísimo “que nos entierren juntos” que en el fondo expresaba el sentimiento más profundo, sin que alguna vez lo hayan discutido y acordado, era evidente que la complicidad siempre los acompañó.

Una tarde de noviembre, confundidos con militantes guerrilleros, el ejercito los asesinó, justo cuando cantaban la canción favorita. El día del funeral, lo único que la gente comentaba, es del sentimiento mórbido que ambos tenían y de, como la vida les cumplió el pedido de sus corazones. Nadie habló del amor que uno por el otro tenían, nadie comento que eran justamente una pareja llena de amor, de bondad, de romanticismo y de mucho erotismo, que expresaban en cuatro paredes, en que, el oscurecer de la noche y el clima costero, eran cómplices de las expresiones y caricias mutuas que se daban, el amor que juntos hacían, o el amor que los hacia a ellos...ser lo que fueron. ■

“SOCIALOGANDO” SEM FRONTEIRAS

João Ramiro e Ricardo Almeida

Mestres em Sociologia pela FEUC

Em maio de 2017, enquanto estudantes do Mestrado em Sociologia vivenciámos intensamente, na primeira pessoa, um dos desafios mais gratificantes da nossa breve carreira profissional. Foi-nos concedido o enorme privilégio de fazer o nosso estágio curricular como parte integrante do Projecto *Gen Y City - Swing of the City* – composto por uma rede de cidades europeias de pequena/média dimensão unidas com o propósito de partilhar ideias, no sentido de melhor compreender como é que os centros urbanos podem reter e atrair jovens altamente qualificados e criativos. Envoltos num forte espírito de equipa, iniciámos na Câmara Municipal de Coimbra aquela que viria a ser a primeira etapa do nosso estágio. Esta foi uma experiência que decorreu sem sobressaltos, tendo sido cumpridos com êxito todos os objetivos previamente estabelecidos. No entanto, foi sempre acompanhada por um sentimento de ansiedade da nossa parte em “dar o salto” para um dos parceiros internacionais do projeto. Dois meses depois, o tão aguardado sonho ganhou asas! Sob alçada do programa *Erasmus +*, cada um de nós seguiu viagem para um destino diferente: Wolverhampton no Reino Unido e Poznan na Polónia. Partimos levando na bagagem as melhores expectativas para os tempos que se avizinhavam. Sem qualquer tipo de sofisma, a realidade que se fazia esperar nos nossos respetivos destinos excedeu largamente os melhores sonhos desta dupla que vos escreve. Wolverhampton pode apresentar-se como uma relíquia dos tempos áureos da revolução industrial. O centro tem pouco para ir à descoberta, no entanto, as vivências de rua, a diversidade cultural e a simpatia das pessoas foram algo que marcou vincadamente a estadia nesta cidade. Já Poznan, com toda a sua colorida envolvência, revela-se um espaço propício à confluência de gerações, onde o contraste entre elevado número de jovens que frequentam a Universidade e o turismo sénior em torno do centro da cidade concedem uma harmonia ímpar a este lugar. Por outro lado, a beleza da cidade em si, a sua organização, a

segurança que oferece, a vastíssima oferta cultural e desportiva que disponibiliza, mas sobretudo a hospitalidade dos seus habitantes contagiam quem tem a sorte de por lá passar. Foram imensas as amizades realizadas que irão com toda a certeza perdurar no tempo. A relação estabelecida com os supervisores de estágio, inexcusáveis em todo o tipo de apoio prestado, traduz-se num excelente exemplo. Nunca poderemos esquecer, igualmente, os laços criados com diversos estudantes internacionais e colegas de trabalho, com quem partilhámos um sem-número de histórias que nos serviram de inspiração em tantos e tantos momentos. Não podemos deixar também de fazer uma breve referência a toda a aprendizagem que o estágio em si nos proporcionou. À semelhança do que aconteceu em Coimbra, desenvolvemos significativamente a nossa autonomia de trabalho com a incorporação de novas metodologias e procedimentos. De salientar que a agilização de processos, a nível laboral, com que nos deparámos na Polónia e em Wolverhampton foram um pilar importante para superarmos com confiança a nossa missão. Contudo, reduzir ambas as experiências a trabalho é decerto uma conclusão apressada. Foi, sim, um misto de sensações onde o quotidiano e o trabalho se misturam perante a azáfama de uma nova cultura que se nos é imposta. A adaptação à dinâmica, ao ritmo peculiar da cidade, à língua e sobretudo ao local de trabalho e às pessoas que lá trabalham obriga-nos a crescer a todos os níveis. Conciliar a liberdade que conquistámos fora do nosso espaço de conforto, com a responsabilidade de deixar uma boa imagem profissional foi uma tarefa difícil, mas simultaneamente muito gratificante. Só quem teve oportunidade de passar por uma experiência semelhante consegue realmente entender a dimensão daquilo que vivemos. Para os que nunca o fizeram, esperamos sinceramente que o nosso depoimento sirva de “élan” para embarcarmos rumo à aventura. ■

COIMBRA SURPREENDENTE

Ensaio fotográfico

Doutorandos em Sociologia –
Cidades e Culturas Urbanas na FEUC

Texto de Violeta Rodríguez

Caminhar nas nossas cidades, as cidades que habitamos, significa atravessar espaços urbanos cheios de objetos e estímulos sensoriais. A arquitetura, a iluminação, a policromia e a composição das paisagens urbanas passam, na maioria das vezes, despercebidos aos seus habitantes. A rapidez das práticas urbanas faz com que o nosso olhar se curve perante o quotidiano. Como descreveram os sociólogos Georg Simmel e Erving Goffman, caminhar pela cidade exige uma atitude reservada, quase insensível ao seu redor (atitude *blasé*) ou uma “atenção desatenta”, que nos obriga a selecionar aquilo que devemos considerar no entorno urbano, por exemplo, semáforos, calçadas, sinais de trânsito etc. Essa atitude prática e desinteressada modifica-se quando somos visitantes das *urbes* e procuramos detalhes que desconhecemos. Mediante o exercício fotográfico, o nosso olhar fixa-se em fragmentos e composições do espaço para preservar em imagens aquilo que provavelmente não voltaremos a ver. Os visitantes das cidades, estrangeiros que desconhecem a lógica das práticas urbanas, constroem um olhar sobre os detalhes que são, ao mesmo tempo, pontos de estranheza e surpresa.

Neste ensaio visual apresentamos uma série de imagens da cidade de Coimbra. Diferentes olhares desde pontos distantes (México e Brasil) que nos revelam paisagens e detalhes urbanos surpreendentes. ■



Foto: Isabela Bentes

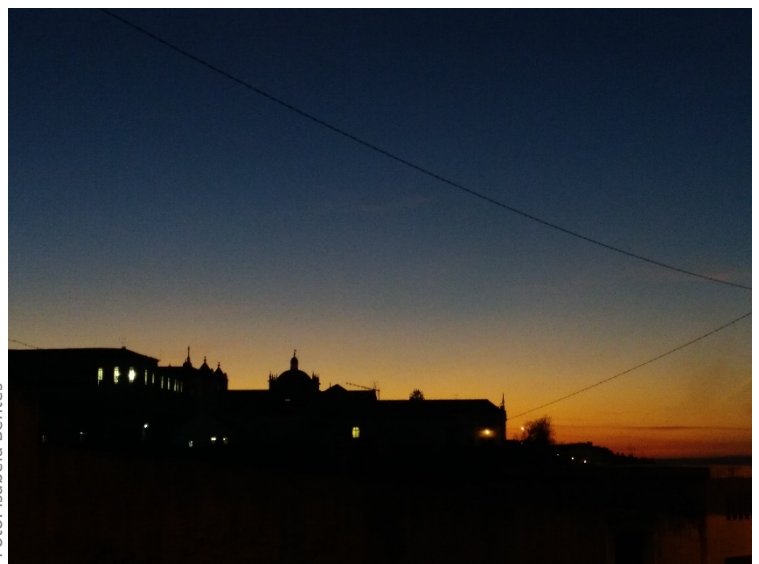


Foto: Isabela Bentes



Foto: Violeta Rodríguez



Foto: Rômulo de Oliveira



Foto: Isabela Bentes

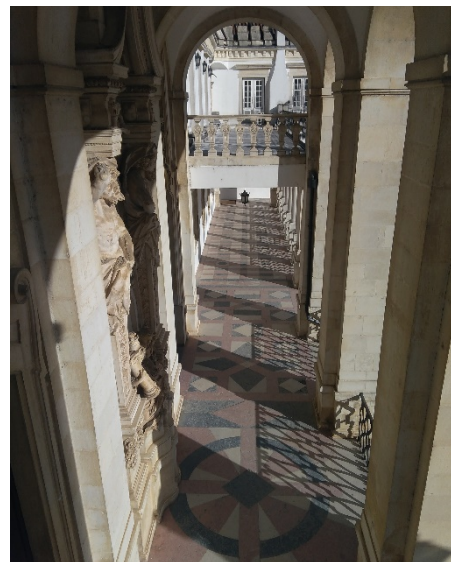


Foto: Isabela Bentes

Foto: Violeta Rodriguez



Foto: Violeta Rodriguez



ENTREVISTA A FERNANDO RUIVO

Professor de Sociologia (aposentado) da FEUC

por Daniel Francisco

Professor de Sociologia da FEUC

Fernando Ruivo é professor aposentado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. Iniciou a sua atividade como docente da FEUC em 1974, tendo sido membro do Núcleo de Sociologia até 2017. Nesta entrevista, percorremos com ele alguns aspetos do seu relevante percurso académico.

DF. O FR esteve desde sempre ligado a Coimbra e à Universidade, nomeadamente através da FEUC e do CES, cuja vida acompanhou desde a fundação de ambos. Nestas instituições foi professor, investigador, membro dos corpos diretivos. Pode dizer-se que tanto a FEUC, como o CES deram à cidade e à Universidade qualquer coisa de novo e de único no qual, naturalmente, o FR sentiu o impulso de participar?

FR. Vale a pena dizer que eu não sou originário da Faculdade de Economia. A FEUC surge em 1973 e eu entro em setembro de 1974. A minha origem académica é o direito. Não a renego, mas prefiro o *ser* ao *dever ser*. O curso de direito marcou-me, mas eu escolhi, por várias razões, estar na Faculdade de Economia quase desde a sua formação. Em 1978 foram fundados o CES e a *Revista Crítica de Ciências Sociais*, uma das poucas revistas científicas desta área que então existia. A FEUC e o CES, principalmente no seu início, mas também agora, trouxeram de facto à cidade algo de muito importante e eu fui impelido a inserir-me nesses projetos. A minha atividade na Faculdade não começou propriamente pela sociologia. Eu entrei como formado em Direito para dar uma cadeira de Introdução ao Estudo do Direito, mas já numa perspetiva sociológica, isto é, como *law in action* e não como *law in the books*. Mas posteriormente fiz, de forma rápida, uma reciclagem e especializei-me em Sociologia do



Direito, pela mão do Boaventura Sousa Santos. Comecei por trabalhar numa sociologia do aparelho judicial e fui evoluindo, para descobrir mais tarde as questões do poder local. Nos anos setenta, eu estava um pouco zangado com a política nacional e comecei a acreditar que ao nível do “Estado local” as coisas seriam diferentes. Nesse sentido, eu inseri-me na novidade que era o trabalho do CES. Fui, também na altura, professor do Centro de Estudos e Formação Autárquica, dirigido aos funcionários das Câmaras Municipais, onde leccionei Sociologia da Administração Pública, uma coisa inédita em Portugal. Fiz um longo percurso como professor, como investigador e como membro dos corpos diretivos. Fiz parte do Conselho Diretivo da Faculdade, fui presidente do Conselho Pedagógico durante vários anos e como investigador fiz vários projetos de investigação. Progressivamente fui orientando a minha atividade de professor para as áreas do Poder Local e da descentralização, tanto no primeiro ciclo como no segundo, tendo sido coordenador do Mestrado em Políticas Locais e Descentralização. Tive um amplo percurso que passou por Portugal e pelo estrangeiro: fiz pesquisa nos Estados Unidos, na Universidade de Madison (Wisconsin); em Londres, na London School of Economics and Political Science; em Roma, na Universidade La Sapienza; na Dinamarca, na Copenhagen Business School, ligado às questões locais e exclusão social; e, finalmente, fui professor convidado na Sciences Po (Institut

d'Études Politiques) de Bordéus. Nesta última fase, aconteceu uma coisa muito interessante, associada a um financiamento *Interreg* que juntou várias universidades europeias, entre elas a Universidade de Coimbra e a Sciences Po de Bordéus. Através desse contacto e com esse financiamento, foi possível estabelecer um acordo e criar um Curso Integrado entre a FEUC e a Sciences Po, do qual fui o primeiro coordenador nacional. Este curso teve continuidade, apesar do fim do financiamento *Interreg*, e ainda hoje continua a funcionar. Foi longa a minha carreira, muito enriquecedora para mim e, assim o espero, também enriquecedora para outros.

DF. Do Direito à Sociologia e da Sociologia do Direito à Sociologia do Poder Local, o Fernando Ruivo fez um conjunto de opções peculiares. No percurso do Fernando há um fio coerente ou foram as circunstâncias que ditaram o caminho?

FR. A mim ser-me-ia difícil integrar-me numa Faculdade de Direito porque o *dever ser* não é a realidade e a mim interessava-me saber como as sociedades funcionavam. Portanto, no meu percurso há opções de orientação intelectual. Eu nunca gostei de direito privado, gostei de direito constitucional, direito administrativo, direito público e isso já dizia alguma coisa sobre o meu interesse na área da ciência política. Daí à passagem para a sociologia do direito foi um salto. E isso aconteceu nos Estados Unidos, quando, logo em 1983, fui *honorary fellow* na Law School da Universidade de Madison, no Wisconsin. Fiz uma especialização em sociologia do direito rapidamente. Da sociologia do direito, que é em si muito contaminada pela sociologia política, para a sociologia da política e do poder local o caminho é muito curto e fez-se rapidamente. Há, portanto, uma orientação intelectual muito relevante e uma orientação epistémica muito particular e singular. Nesse sentido, há uma coerência grande e natural no meu percurso intelectual e profissional.

DF. Uma das características do Fernando Ruivo é ser um intelectual à moda antiga, um intelectual literato, com um conhecimento muito grande da literatura, e não só da literatura das Ciências Sociais. Como é que isso se manifestou no seu trabalho?

FR. Basta ler os meus textos para se perceber imediatamente que vou beber muita coisa a muitos autores, não necessariamente das ciências sociais, mas também da ficção. E também a algo próximo da literatura que é a antropologia. Eu sou um leitor fervoroso da literatura francesa, nomeadamente da sociologia, da antropologia e da ciência política francesas, que foram para mim muito ricas. Mas sempre li muita ficção, muita poesia e isso enriqueceu-me muito. Aliás, eu próprio tenho poesia publicada, tal como o Boaventura também tem.

DF. Numa nova fase da vida profissional e pessoal, que ambições continuam a animar o Fernando Ruivo e que concretizações espera ainda?

FR. Depois de umas férias merecidas, espero retomar a minha atividade. Retomar o meu posto no CES, onde sou investigador e de que fui fundador e diretor executivo. Refazer aí uma equipa de investigação, voltar a fazer projetos de investigação, ir buscar gente, nomeadamente gente que colaborou comigo em outros projetos de investigação, como tu mesmo, e que se afastaram quando estes terminaram. Para além da investigação, espero retomar as minhas ligações a Bordéus e à Sciences Po. Espero poder colaborar com a Faculdade no Curso Integrado com Bordéus, nesse projeto que ajudei a montar e que continua hoje com muita relevância. E estas ambições profissionais são também ambições pessoais. ■

FESTIVAIS URBANOS COMO OBJETO DE PESQUISA

Paulo Nunes

Doutorando em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas na FEUC

A temática da cultura sempre me despertou a atenção, fosse pela organização prática de eventos do gênero, fosse pelo dia a dia oficioso de gestor cultural e professor do ensino universitário. Todavia, a aproximação do tema como investigador ocorrida em 2015 mostrou-se audaciosa, uma vez que havia elegido para a pesquisa de doutoramento objetos de estudo complexos e fugazes: o Mexefest, um festival de música realizado há 7 anos em Lisboa; e a Virada Cultural, grande maratona multicultural promovida desde 2005 na cidade de São Paulo.

Somado ao desafio de colocar em diálogos cidades, contextos sociais e intermediários culturais com realidades tão distintas, havia o fato de ambos os festivais se apresentarem quase como alvos móveis, devido a serem editados apenas uma vez ao ano, com dois dias corridos de programação simultânea, sobreposta e efêmera. Se a princípio imaginava que o caminho metodológico se cumpriria apenas nas observações e registros durante ambos os festivais, logo percebi que o problema de pesquisa abrangia uma complexidade que extrapolaria meu olhar pontual sobre eles. Estar aberto às pistas que o terreno me proporcionava foi bastante importante para que a pesquisa acontecesse de forma fluida e reveladora.

Em Lisboa, a aproximação ao caso ocorreu pelo viés das produtoras, do aspecto comercial e negocial que envolve o grande lobie da música e dos festivais locais. Embora a princípio tenha planejado realizar entrevistas apenas com os colaboradores da Produtora Música no Coração (responsável direta pelo Mexefest), a eleição de outros informantes privilegiados desdobrou-se a partir de encontros inesperados, a exemplo de uma conversa de bar com produtores culturais da cidade ou de uma conferência no Teatro Tivoli com a imprensa lisboeta. Já em São Paulo, o acesso ao campo de pesquisa foi feito via políticos e gestores culturais ligados ao desenvolvimento da Virada Cultural, por meio de um contato fornecido por uma colega do doutoramento em Coimbra, a partir do qual pude acessar líderes de coletivos da sociedade civil organizada e representantes de outros festivais e iniciativas culturais de renome da cena paulistana.

Ao final do processo, o balanço geral dos procedimentos metodológicos e do material de terreno acumulado na pesquisa surpreendeu-me. Para além da transcrição das entrevistas realizadas com intermediários culturais, da descrição de fotografias e dos registros de observação referentes à imersão no terreno em São Paulo e Lisboa, paulatinamente venho-me debruçando sobre materiais de vídeos, notícias, redes sociais, web sites, material publicitário institucional, revistas, jornais, blogs e matérias de imprensa geral sobre ambos os eventos.

Os casos de estudo apresentaram diferentes desafios durante a fase de terreno. Avaliando a inconsistência encontrada entre teoria e prática, o contato com o festival em Lisboa fez-me abrir mão da utilização do inquérito público que havia minuciosamente planejado na fase de construção do projeto. Já o caso de São Paulo mostrou-se mais complexo do que havia imaginado inicialmente tendo em conta a mudança de gestão na Secretaria de Cultura, a efervescência do cenário político nacional, o formato descentralizado da Virada Cultural e a forte chuva no final de semana do evento, que me requisitaram uma nova abordagem. Se, por um lado, o surgimento destes e de outros imprevistos durante os seis meses de terreno se apresentaram como problemas, por outro lado, o valor da obra latouriana adotada como fio metodológico da pesquisa revelou-se interessante durante o processo: mais do que roteiros prontos e hipóteses fechadas, importa sobretudo o caminho utilizado para chegar até as pistas. Assim, as dificuldades foram reenquadradas em possibilidades e insights de pesquisa, renegociando o tempo todo as fronteiras entre sujeito e objeto, as margens entre o festival oficial e as atividades paralelas. ■

URBiNAT

COCRIAÇÃO DE CORREDORES SAUDÁVEIS COMO “MOTORES” PARA A REGENERAÇÃO DE BAIROS SOCIAIS EM CIDADES EUROPEIAS ATRAVÉS DE NBS SOCIAL, AMBIENTAL E COM POTENCIAL DE MERCADO

Equipa CES do Projeto URBiNAT

Articulado por uma equipa multidisciplinar de investigadores e doutorandas do Centro de Estudos Sociais – CES e da Universidade de Coimbra (UC), o projeto URBiNAT | Urban Innovative and Inclusive Nature propõe-se regenerar bairros sociais de 7 cidade europeias, através da implementação de «Corredores Saudáveis». Foi aprovado para receber financiamento europeu, atribuído pelo programa de inovação e pesquisa H2020.

Os atuais modelos de crescimento urbano não conseguem dar respostas articuladas aos desafios em torno do bem-estar dos indivíduos e da valorização do meio ambiente que os circunda. A reabilitação dos centros históricos para o turismo, o desenvolvimento dos condomínios fechados para as classes sociais privilegiadas ou a massificação das estruturas viárias para o transporte têm contribuído para o aprofundamento das desigualdades sociais e para a degradação ambiental, associada às alterações climáticas.

Um dos melhores exemplos deste fenómeno são os bairros sociais construídos nas periferias das cidades europeias, após a II Guerra Mundial, com pouca estrutura urbana de suporte e com graves impactos nas estruturas rurais. Ainda hoje, passado cerca de meio século, encontramos muitas destas comunidades desvinculadas das cidades e com graves problemas sociais, resultantes da sua condição marginal em relação aos centros mais dinâmicos.

Esta problemática fundamenta a proposta do projeto URBiNAT, a qual assume como elemento central a ligação das pessoas à cidade, ao meio e entre si, através da regeneração urbana e da integração de bairros desfavorecidos, recorrendo à implementação de soluções baseadas na natureza

(NBS) pela participação e cidadania ativa da população. Em particular, propõe-se promover ações que considerem a inclusão de grupos excluídos tais como mulheres, idosos e população economicamente desfavorecida. Se, por um lado, a degradação urbana é uma realidade em muitos contextos, em particular nas zonas densamente povoadas, por outro, nessas mesmas áreas, encontramos um forte potencial de organização social, apoiado em laços de solidariedade e de compromisso cívico. Por isso, o projeto assume, como ponto de partida, a dimensão do espaço público e propõe-se, paralelamente, a cocriar e co-implementar com os cidadãos novas formas de relação com a cidade e entre si, inspiradas na natureza. Com efeito, nestes processos de cocriação, encontros e interação de diferentes saberes e modos de fazer (científicos, técnicos e não científicos) acontecem e deles emergem novos saberes, novas práticas, novos atores e redes coprodutoras de soluções.

O conhecimento científico, neste projeto, é assumido como campo de observação e desenvolvimento focado na ressignificação de conceitos e de práticas como o da governação em parceria, do planeamento de áreas urbanas periféricas, do desenho dos espaços públicos, dos direitos de cidadania e das questões de género, da inovação em sociedade e da pluralidade de formas e princípios económicos.

Assim, ao longo de cinco anos, o projeto URBiNAT irá implementar corredores saudáveis (*healthycorridors*) em três cidades europeias: Porto (Portugal), Nantes (França) e Sofia (Bulgária). Posteriormente, esses corredores serão replicados nas cidades de Bruxelas (Bélgica), Siena (Itália), Høje-Taastrup (Copenhaga, Dinamarca) e Nova Gorica (Eslovénia), em parceria com municípios,

universidades, empresas e organizações locais. Estas cidades serão laboratórios vivos (*living labs*) que irão promover processos de envolvimento dos cidadãos no desenho e na implementação dos corredores através de catálogo de Soluções Baseadas na Natureza (NBS). No conjunto de NBS já identificadas no projeto, incluem-se soluções tecnológicas e territoriais de impacto ambiental e espacial que resultarão em intervenções materiais no espaço público e metodologias inovadoras de participação democrática, assim como alternativas económicas (nomeadamente iniciativas de economia social e solidária), cujo impacto se refletirá nos recursos materiais e imateriais dos cidadãos, e intervenções no tecido e dinâmica comunitários.

O URBiNAT é um dos poucos casos de projetos financiados pela Comissão Europeia dedicados ao

tema da regeneração urbana e soluções baseadas na natureza coordenado por um laboratório de pesquisa nas ciências sociais. O projeto também irá implementar um Observatório que pretende não só avaliar a implementação dos corredores saudáveis nas cidades e nas comunidades parceiras, mas também garantir um conjunto de mecanismos que permitam a replicação deste projeto e dos seus produtos sociais, numa comunidade de práticas alargada, através de um modelo de desenvolvimento urbano, social e económico alternativo. Espera-se que os resultados obtidos contribuam para o desenho interdisciplinar de um quadro Europeu de referência para a implementação de NBS, na promoção de uma maior consciencialização dos problemas por parte das comunidades locais, e na oportunidade de estas se reconhecerem como parte das soluções. ■

Conferência Doutoramento em Sociologia: Antoine Hennion



Dia da Sociologia 2017: lançamento da Prisma4





Seminário de investigação
Doutoramento em Sociologia



Semana de receção da Sociologia: visita ao CES

VAI E VEM

UM PORTAL CHAMADO COIMBRA

Rafael dos Santos da Silva

Professor da Universidade Federal do Ceará
Doutorando em Sociologia na FEUC

Trago boas lembranças da infância, o futebol de rua, o cheiro da cozinha da vovó, os amigos. Mas num rompante uma lembrança em especial retira-me da sala de aula na periferia de Fortaleza, e coloca-me em frente à televisão ávido por uma estória infantil, de enredo desafiador: um grupo de meninos perdidos procurava o local exato, onde um portal mágico se abriria fazendo-os regressar. Com o passar dos tempos, o destino me fixou na sala de aula. Aos poucos o encanto foi cedendo lugar às obrigações. O gosto pelo imediato conheceu o equilíbrio da prudência. O sonho de ver o portal se abrir transformou-se.

A estória da infância ensinou-me que o tempero da vida é o desafio. Relembrei o antigo desenho ao me deparar pela primeira vez com a sala dos capelos. Encontrei a sala escura, portas pesadas, vigiada por insígnias medievais. Sua arquitetura cumpria a tarefa de preservar o distante tempo. Ao centro da sala, carregada pelo peso da história, havia um lugar que resplandecia, vencendo a penumbra da tradição. Tratava-se de uma plebeia protegida por pequeno gabinete suportado por uma intensa luz, tendo à frente o desafio de encontrar seu portal. Não sei bem precisar se era encanto, mística ou desafio, talvez uma mistura de tudo isso. E, tempos depois, entendi onde estava o portal, ao ver meu nome aprovado no doutoramento em sociologia

O desafio estava posto no movimento necessário da famigerada defesa de tese.

Meu regresso a Coimbra é marcado por imenso *déjà vu!* O desenho da infância sempre estava ali, a ser assistido. Então me entreguei à liberdade do pensamento ao imaginar sendo inquirido por Marquês de Pombal; talvez fosse Dom Dinis em latim a repetir solenemente a força da tradição "*Gradum doctoratus in...*" Aliás, dizem que a tradição é o cortejo dos vencedores; se isso for verdade que tipo de vitória os muros de Coimbra conheceram? As escadas e ruas, sempre afeitas ao bucolismo peculiar e naturalmente gélidas são dadas à tarefa de testemunhar diversas formas de resistências. As frases dos profetas juvenis, os protestos dos jovens incautos pela revolução! As capas dos académicos e as fitas transformadas em cinzas findam a subordinação dos calouros, e permitem a cidade arrancar da tradição sua modernidade, em uma luta deletéria.

O antigo e moderno parecem conviver no mesmo espaço, mas no fundo disputam a atenção do seu público que não raras às vezes esquece a beleza do jardim botânico, da história viva das suas curvas e acaba cedendo ao apelo cinza de um *shopping center*. Todavia, a tradição é a fênix que ressurgue nas igrejas amontoadas nos altos e baixos, entoando sinos e repetindo ritos. É a chama da história sendo registrada pela guisa de um revoltoso poeta que faz do muro alheio seu mais necessário painel.

O cenário que hoje me recebe foi o mesmo que outrora viu um cortejo papal e registrou o desespero de um príncipe a chorar por um grande amor. A mistura desses variados cenários apresentou anteontem os inquisidores, ontem os ditadores e hoje a vilania da Troika, cuja tarefa insta os pedintes, corre a esteira dos demiurgos, está na ribalta dos moradores de rua ou na boemia dos seus flâneurs. As tessituras desse arranjo embriagam seus viajantes, enclausuram seus clérigos e assediam os servidores impondo-lhes a intemperança da modernidade.

Estabelecer pouso em Coimbra consiste em estar diante dessa imensa passagem. Seus garotos perdidos derivam de várias partes do mundo - África, América, Europa, Ásia - ricos em tradições e culturas, atraídos por raios intensos de uma luz cintilante, atentos à pergunta que a academia lhes faz: *Quid petis?* Nesse momento, regressamos à sala de estar da mais tenra infância. Reeditamos o velho filme, reescrevendo a trama capaz de nos conduzir à dimensão última daquele portal.

A cidade é redimensionada no espelho mágico penetrado pelo mais belo cortejo. A tradição aplaina-se com o moderno, a escuridão da sala é vencida pela luz e a dimensão do saber acolhe seu mais novo insurgente. No momento seguinte, o portal se fechará, como ocorre há mais de sete séculos e, novamente, outros jovens irão fazer o mesmo caminho, até que a magia se renove nesse lindo portal chamado Coimbra. ■

A SIMULAÇÃO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO TRABALHO COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Hermes Augusto Costa

Professor de Sociologia da FEUC

No ano letivo 2016/2017, a FEUC acolheu a primeira simulação da Conferência Internacional do Trabalho (CIT) realizada em ambiente universitário europeu. Tratou-se de uma organização conjunta do escritório de Lisboa da Organização Internacional do Trabalho (OIT), do Centro de Estudos Sociais (CES) e da FEUC. A iniciativa implicou um grande trabalho de articulação entre instituições e coordenações de cursos e desencadeou-se com a seleção de dinamizadores (tutores) e, sobretudo, de estudantes (cerca de 300 “delegados”) da UC, em especial (ainda que não de forma exclusiva) dos cursos da FEUC.

O principal objetivo da simulação foi captar as percepções de estudantes da UC (delegados da CIT) de vários ciclos de estudos sobre o “futuro do trabalho”. Na verdade, tendo partido do relatório *The future of work: centenary initiative* (2015), da autoria do diretor-geral da OIT, Guy Ryder, e tendo em vista a preparação do centenário da OIT (em 2019), tratava-se de desafiar uma vasta comunidade académica e refletir, argumentar e consensualizar propostas para o futuro do trabalho.

Mas, embora tenha partido da leitura daquele documento bem como de outras literaturas mais específicas, a CIT não se equiparou a uma conferência académica. No seu *modus operandi*, foi possível testemunhar o papel central desempenhado por 13 estudantes mais experientes (11 doutorandos em fase adiantada dos seus percursos académicos e 2 recém-doutorados, apelidados de tutores/dinamizadores), designadamente de monitorização de três centenas de estudantes (em especial de licenciatura, mas também de mestrado e doutoramento). Ao longo de vários meses de reunião e debate, a CIT foi, em grande medida, um exercício de pedagogia ativa, de ensino e aprendizagem (quer entre delegados, quer entre delegados e dinamizadores), de questionamento e de problematização. O exercício consistiu em incentivar delegados/as a colocarem-se “na pele” de representantes de governos, empregadores e trabalhadores. Desse modo, seguindo a estrutura tripartida da OIT, os delegados integraram-se em comités especializados: (i) *A macro regulação económica do emprego. Do pleno emprego à plena empregabilidade?*; (ii) *Novas tecnologias: fim do trabalho ou fim do emprego?*; (iii) *Trabalho desigual? Novas formas de desigualdade e a organização do trabalho*; (iv) *O futuro das relações de trabalho: direito ao trabalho e o direito do trabalho*.

Ao mesmo tempo que se cumpriam os formalismos de uma “CIT oficial” (do *dress code* ao estilo das intervenções nas sessões públicas), os/as delegados/as da CIT exercitavam estratégias de formação de consensos que são apanágio da OIT. Desse modo, foram sendo desafiados a pensar cenários para o futuro do trabalho tanto no plano teórico como empírico. Ou seja, o envolvimento de cada estudante não se confinava à discussão dos problemas associados ao futuro do trabalho, mas ia mesmo além disso, traduzindo-se na elaboração de propostas concretas saídas dos comités específicos*. Por sinal, propostas passíveis de influenciar futuras decisões de organismos internacionais.

Em resumo, a CIT em meio universitário testemunhou o envolvimento de uma ampla comunidade, nela se cruzando saberes diferenciados e contributos de vários ciclos de estudos. Mas se a simulação CIT não foi o começo de tudo, ela também não podia ser o fim de linha. Nesse sentido, abriu igualmente caminho ao reforço do relacionamento institucional entre a UC e a OIT, na linha, aliás, quer da atribuição (em 2009) do

* Veja-se, a este propósito, as mais de três dezenas de propostas que constam da 3ª parte do livro *O Futuro do Trabalho em Debate: Simulação da Conferência Internacional do Trabalho na Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra (2017).



Conferência Internacional do Trabalho (simulação)

doutoramento *Honoris Causa* pela UC (sob proposta da FEUC) ao então diretor-geral da OIT (Juan Somavia), quer de um protocolo anteriormente existente (2010) entre a UC (através do CES) e o *International Institute for Labour Studies* da OIT. Desta feita, tendo a FEUC como anfitriã e como corolário da simulação da CIT, instituiu-se a “cátedra OIT”, em implementação na FEUC no presente ano letivo de 2017/18.

De forma resumida, a “cátedra OIT” acolherá anualmente cientistas sociais conceituados e/ou quadros técnicos com experiência no campo de ação dos temas chave da OIT com o propósito de estimular a partilha de saberes em áreas de interesse comum à FEUC e à OIT. Além disso, as duas instituições poderão trocar entre si documentação relevante para ambas (estudos, resultados de pesquisas, boas práticas, etc.) que reforce os elementos de sinergia.

Assim, no presente ano letivo (em fevereiro e abril), virão à FEUC representantes (técnicos e investigadores) da OIT para a realização de seminários sobre a “história da OIT”, “*green jobs*”, “futuro do trabalho”, tanto numa perspetiva macroeconómica, como sociológica e de *industrial relations*. Durante estas visitas, estão previstos espaços de reunião com estudantes dos vários ciclos de estudos da FEUC ou da UC, bem como com docentes interessados nos temas dos seminários. O culminar desta primeira edição da “cátedra OIT” será a realização de uma conferência pública aberta à comunidade e proferida por um *senior member* da OIT. Este evento público terá ainda como pano de fundo o “futuro do trabalho”.

■

CREE Y COMPROMETE A NUESTROS PÚBLICOS

Janina Suárez-Pinzón

Doutoranda em Sociologia na FEUC

Familiarizarme con la noción de “*active spectatorship in contemporary performing arts*”, que es el eje del proyecto Be SpectACTive!, fue la razón fundamental para animarme a una estancia de investigación *Erasmus+* en mi segundo año del doctorado, a sabiendas que la temática que desarrollaría en mi tesis se vincularía con la participación e implicación de los públicos en procesos creativos, especialmente averiguando sobre casos en los que se posibilita un rol como co-creadores.

Cuando en mayo de 2016 recibí una respuesta favorable de parte de Lluís Bonet (Profesor de la Universidad de Barcelona - UB), fueron creciendo las expectativas sobre lo que descubriría respecto a metodologías participativas ejecutadas por diferentes artistas o agrupaciones de teatro, en residencias creativas o festivales, y la información resultante del enfoque evaluativo del grupo académico representado por la UB, la Fondazione Fitzcarraldo y la Université de Montpellier I. Este mega equipo se conformó en 2014 con el apoyo de *Creative Europe Programme of the European Union*.

Nuestra base de operaciones era el despacho del Programa de Gestión Cultural de la Universidad de Barcelona. Desde allí preparábamos múltiples tareas para coordinar Be SpectACTive! Project Annual Conference: difusión en mainlist, impresión de kits de bienvenida, traducción, diseño de banners promocionales e informativos para redes sociales o websites aliados, complementado con una revisión bibliográfica, coordinación del catering, seguimiento y recopilación de información suministrada por los ponentes catalanes/españoles o extranjeros, etcétera. Todas

estas acciones terminaban siendo resueltas en el ritmo de colaboración de los otros y de la presión que nos significaba la proximidad al 22 de noviembre, fecha de inauguración del evento internacional. “Si me queréis algo, irse” nos repetíamos bromeando al cierre de cada jornada; éramos cuatro con Giada Calvano, lideradas por Lluís Bonet y Tino Carreño, quienes compartimos un intercambio que se extendió de septiembre a diciembre de 2016, para la (pre/post) producción de la conferencia.

El hall de la Facultad de Economía y Empresas de la UB acogería a los maestros (Franco Bianchini y Ben Walmsley), artistas, gestores culturales y demás profesionales asistentes. Desde el staff nos encargamos del registro y el acompañamiento en charlas y talleres. Particularmente me asignaron el relato de las intervenciones de Jaume Colomer (experiencias del *prosumer* en las artes performáticas) y de Joan Morros (cambios en la programación artística con espectadores activos). Colomer destacó que las nuevas formas de expresión en las interacciones virtuales facilitan relaciones más profundas entre los artistas y las audiencias, afectando el proceso de creación, el producto artístico y las experiencias del público. Al repasar sobre prosumidores se dio una conexión con Leila Jancovich, colega de Walmsley en la Universidad de Leeds, pues su investigación recomienda encontrar mejores formas de vincularse con el público para incrementar la legitimidad de la toma de decisiones, sobre todo para asegurarse de que la práctica artística sea menos auto-referencial. En tanto que el testimonio de Morros con el Kursaal de Manresa conduce a reflexionar sobre el empoderamiento de una comunidad a la que se le ofrece ser parte de un equipo que selecciona, parcial o totalmente, la programación artística de un equipamiento o de un festival. Y con ello cuestionarnos si las organizaciones culturales son capaces de compartir el poder, si es necesario un perfil educativo específico para ser programador artístico, y si la participación activa contribuye o no la diversificación de los públicos.

Fue inevitable quedar deslumbrada por la energía de Barcelona, de la lengua catalana y, obviamente, por entrar en sintonía con la sensibilidad del colectivo Be SpectACTive! y sus búsquedas de nuevas perspectivas sobre la gestión y las políticas culturales. Una dinámica en la que la experimenta-

ción facilita un aprendizaje y apertura en el trabajo con la cultura me sirvió para indagar los públicos cautivos, que figuran como meras estadísticas en las instituciones, pero que podrían ser vinculados en procesos creativos.

Considero imprescindible que los estudiantes opten por salidas vía Erasmus, pues ayuda a tener un distanciamiento sano con lo que se está sistematizando en una investigación, provoca una retroalimentación, obliga a explicar en diferentes contextos con mayor exactitud lo que vislumbramos en el trabajo de campo. En el lapso de los tres meses se abrió un panorama sobre lo que mi tesis debía tomar en cuenta, imaginando formas de involucrar y con-crear/con-producir con los públicos, es decir dialogando y vinculando para hacer inteligible los procesos artísticos/técnicos, acercándoles información que vuelva relevante el arte en su cotidianidad; de forma tal que las organizaciones culturales sean permeables y tomen riesgos en su gestión al ponderar deseos, intereses y necesidades de su comunidad, y que se dé una democratización cultural aprovechando el acceso y uso de las tecnologías digitales o redes sociales. ■

A SOCIOLOGIA MEXE

AS CASAS VISTAS POR DENTRO E VISTAS POR FORA

A Sociologia na 20ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra – *Oh as casas*

Dia 12 de abril, na Sala do Carvão.

As casas vistas por dentro: intervenções sobre o espaço doméstico e as atividades e práticas que suporta.

As casas vistas por fora: reflexões sobre a relação do espaço "privado" (a casa) e o espaço "público" (a rua). ■

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – UNIVERSIDADE DE VERÃO
A Sociologia na Universidade de Verão – “Conhecer as sociedades em que vivemos” 2-7 de julho de 2018

Dia 3 de Julho

9.30-10.30 – Apresentação da Sociologia

10.30-12.30 – Os refugiados são como nós?

Viver e Estudar em Coimbra (Pedro Góis)

15.00-18.00 – Igualdade de género (Virgínia Ferreira)

Dia 5 de julho

9.30-12.30 – Juventude e movimentos sociais (Elísio Estanque)

Dia 6 de julho

9.30-12.30 – Crime e Violência (Madalena Duarte) ■

CURSO INTEGRADO COIMBRA/BORDÉUS: UMA OPORTUNIDADE EXCECIONAL DE QUALIFICAÇÃO, DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE UMA CARREIRA INTERNACIONAL

Claudino Ferreira

Professor de Sociologia da FEUC e coordenador
do Cursos Integrado Coimbra/Bordéus

O Curso Integrado Coimbra/Bordéus é uma oportunidade única que a FEUC proporciona aos/às estudantes de Sociologia e Relações Internacionais. Iniciado há mais de 15 anos, o Curso resulta de uma parceria entre a FEUC e o Institut d'Études Politiques de Bordeaux. É um programa formativo integrado de 5 anos que, no final, confere 3 diplomas, atribuídos por duas instituições de forte reconhecimento internacional: licenciatura e mestrado pela FEUC (em Sociologia ou Relações Internacionais) e Master de *Sciences Po* Bordeaux.

O plano de estudos funciona alternadamente nas duas instituições: os/as estudantes da FEUC realizam 3 anos de formação em Coimbra (1º, 3º e 5º anos) e 2 anos em Bordéus (2º e 4º anos). O Curso combina a vocação generalista e centrada na formação de competências para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo, característica das escolas de *Sciences Po*, com a lógica de especialização científica que marca a formação na FEUC.

O IEP Bordeaux é uma instituição universitária alinhada com a tradição dos Institutos de Estudos Políticos e das *grandes écoles* francesas. Promove um ensino centrado na aprendizagem de uma cultura geral sólida e de metodologias de trabalho robustas. É especialmente vocacionado para a formação de quadros de topo e profissionais altamente qualificados. À ampla formação geral que o 1º ciclo oferece, soma-se, para os/as FIFPO

(designação dada aos/às estudantes do Curso Integrado), a possibilidade de, no 2º ciclo, combinarem a formação avançada em Sociologia, ou Relações Internacionais com uma das fileiras de especialização do IEP Bordeaux: entre outras Cooperação Internacional e Desenvolvimento, Economia Social e Solidária e Inovação Social, Gestão das Empresas e das Organizações, Gestão de Projetos Culturais e Desenvolvimento Territorial, Comunicação Pública e Política.

A mobilidade para Bordéus proporciona, além disso, um ambiente de estudos cosmopolita, pluricultural e muito intenso, marcado por um forte envolvimento em atividades associativas, culturais, desportivas, de cidadania. A experiência proporcionada é, assim, rica e completa também do ponto de vista pessoal, traduzindo-se num processo de crescimento e conquista do mundo num contexto de forte diversidade cultural, científica, cívica e política. Este aspeto é reforçado pelo carácter bilingue do Curso: os/as estudantes desenvolvem os seus estudos em língua portuguesa e francesa.

No final deste percurso singular, e de exceção no âmbito do ensino superior português, os/as FIFPOs somarão a uma experiência de vida única, de forte envolvimento pluricultural, uma qualificação sólida, completa e capaz de os colocar numa posição privilegiada para conquista de uma carreira internacional. ■

BOLSAS DE DOUTORAMENTO EM PORTUGAL – DICAS PARA ESTRANGEIROS/AS

Inês Almeida

Doutoranda em Sociologia na FEUC

Fazer um doutoramento envolve muitas variáveis, expectativas e principalmente determinação. Isso, creio que ninguém tem dúvidas. No entanto, tenho visto cada vez mais estrangeiros, sendo um grande número brasileiros, tomarem a decisão de o fazerem aqui, em Portugal, e sem bolsas oriundas do Brasil, cada vez mais escassas e em vias de extinção.

Alguns podem considerar essa uma decisão imprudente, precipitada e arriscada. De fato, viver fora e ter que bancar propinas e custo de vida em euros não é nada fácil e demanda assunção de riscos. Eu prefiro pensar que isso demonstra que quem vem, independentemente de com que recursos e objetivos, efetivamente vem porque tem clareza do que quer e, portanto, assume os riscos e faz deles parte da realidade contextual com que passará a conviver.

Tratando aqui de pensar como “ganhar a vida”, concorrer à bolsa de doutoramento FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) é uma possibilidade de garantir uma tranquilidade mínima nesse percurso, pois ele envolverá muitos desafios acadêmicos, pessoais, profissionais e financeiros. Me ateno ao último deles, mas certa de que a candidatura à FCT para um estrangeiro, brasileiro ou qualquer outro que porventura não tenha o seu país como signatário do acordo de reconhecimento automático de grau, exige se preparar para um percurso ainda mais exaustivo do que o processo padrão, tão bem detalhado por Joana Zózimo, na *Prisma* n. 3.

Destaco as leituras obrigatórias e feitas com atenção ao detalhe, pois é justamente no detalhe que está a diferença de candidatura entre um nacional e um estrangeiro. A página da FCT (<http://www.fct.pt/apoios/bolsas/concursos/individuais2017.phtml.pt>) é o local onde estão as informações essenciais ao candidato. Os itens “Legislação, regulamentos e normas”, “Guião de avaliação”, “Estatuto do bolseiro” e “Regulamento de bolsas e valores das bolsas” devem ser lidos exaustivamente. Destaco que o “mérito do candidato” tem peso de 40% entre os outros 2 itens (mérito do plano de trabalhos e mérito das condições de acolhimento, com 30% cada) e é etapa eliminatória em caso de não conformidade de documentos. Portanto, creio estar clara a importância de literalmente correr atrás da validação dos certificados estrangeiros, conforme o regulamento exige.

Não espere sair o “aviso de abertura” do ano ao qual pretende se candidatar para aí ler o que necessita. No caso de estrangeiros, o tempo de abertura do concurso é inferior ao tempo de alguns dos processos para ter os documentos necessários em mãos. Exemplo: o período de apresentação de candidatura fica, em média, trinta dias disponível (sem data fixa anual); mas o reconhecimento de graus/diplomas estrangeiros, caso o seu não seja passível de “registo”, leva em média seis meses (numa visão bem otimista).

Portanto, leia com antecedência a última edição disponível no site FCT e, com base nela, tenha uma noção de documentos e trâmites necessários. E mais que tudo, vale a pena definir se está realmente apto, pronto e disposto a seguir todos os passos rumo à candidatura.

Para não me estender muito, deixo um pequeno quadro resumo e o conselho de não desistir sem tentar. Boa sorte e mais um tanto de energia que será necessária. ■

DICA

Antecedência é a palavra chave. É fato que a grande maioria submete a candidatura no limite do prazo pois o desenho do projeto é fase fundamental e demanda trabalho árduo. No entanto, a fase de recolha de documentos é trabalho que por vezes foge do seu alcance quanto a trâmites internos e prazos.

Como cada um, ainda que brasileiro ou não português, possa ter seus diplomas (licenciatura e mestrado) em países diversos, veja a lista de graus que se encontram abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 341/2007, de 12 de outubro.

Nota: grau de licenciatura e bacharelado do Brasil não são passíveis de registo via DGES, portanto, o processo de reconhecimento e/ou equivalência será inevitável. Vide link.

Entender que há processos distintos: “registo”, reconhecimento de grau estrangeiro e equivalência de grau.

Nota: em caso de ter que ser feito via alguma instituição de ensino (grande maioria) e não pela DGE (válidos para os abrangidos pelo Decreto-Lei n. 341/2007), o processo pode ser feito na instituição mais conveniente para cada um. Vale analisar preço e prazos, pois podem variar de 200 a 350 € e levar de dias a mais de um ano.

Informações truncadas no processo de reconhecimento de grau estrangeiro podem existir visto que ele é feito institucionalmente por cada respectiva faculdade e conselho científico.

LINK ÚTIL

<https://www.fct.pt/apoios/bolsas/concursos/individuais2017.html>

Guião de candidatura:

http://www.fct.pt/apoios/bolsas/concursos/docs/Concurso_de_Bolsas_2017_Guiao_Candidatura.pdf

Diferença dos termos e quais graus podem se beneficiar:

<https://www.dges.gov.pt/pt/faq/faqs-reconhecimento-de-graus-e-diplomas>

https://www.dges.gov.pt/sites/default/files/lista_de_graus_dl341_0.pdf

Explicação DGES sobre equivalências e reconhecimentos de graus estrangeiros: <https://www.dges.gov.pt/pt/faq/faqs-reconhecimento-de-graus-e-diplomas>

Regulamento da UC:

<https://www.uc.pt/academicos/provas/equivalencia>

Informe-se e prepare-se ao máximo sobre o seu caso específico para poder apresentá-lo devidamente documentado a fim de obter o reconhecimento/equivalência da forma mais fluida possível. Os obstáculos ao longo do caminho dão um gostinho especial quando superados.

A SOCIOLOGIA MEXE

JOGOS EUROPEUS UNIVERSITÁRIOS 2018

Pedro Saraiva | Doutorando em Sociologia na FEUC
Claudino Ferreira | Professor de Sociologia da FEUC

Entre os dias 15 a 28 de julho de 2018, Coimbra será o palco do maior evento desportivo alguma vez realizado em Portugal. Será a “Cidade dos Estudantes”, com uma das Universidades mais antigas da Europa, que irá ter a honra de receber os Jogos Europeus Universitários (EUG 2018), evento desportivo realizado de 2 em 2 anos, que agrega, numa única cidade, atletas universitários de vários países da Europa, para competirem em algumas modalidades desportivas e alcançar o tão desejado título europeu universitário dessas modalidades. Nesta edição dos Jogos, serão 13 as modalidades em competição, com a presença de centenas de atletas em representação de várias universidades europeias e a colaboração de numerosos voluntários.

Mais que um evento de dimensão internacional, estes Jogos serão uma oportunidade para

prisma.soc

promover os atletas que representarão as Universidades portuguesas, assim como para a promoção da prática desportiva entre os estudantes universitários. Espera-se também que gere relevantes efeitos de dinamização económica e turística da cidade de Coimbra.

Uma equipa de professores da FEUC, que integra Carlos Fortuna, Claudino Ferreira e Paulo Peixoto, a que se junta também Daniel Morais, mestrando de Sociologia, está precisamente a desenvolver um estudo de acompanhamento e avaliação dos impactos dos EUG 2018. Numa parceria com a Reitoria da UC, entidade coorganizadora dos Jogos, o estudo procura captar os efeitos do evento, tanto no plano mais imediato do desporto universitário e do reforço da afirmação internacional da UC nesse campo, como nos legados e nas dinâmicas geradas pelos Jogos em domínios vitais da vida da cidade: no comércio e no turismo; na infraestrutura urbana; na atividade desportiva e cultural. ■

Mais informações sobre o evento em:

<http://www.eug2018.com/>



COIMBRA 2018
EUROPEAN UNIVERSITIES GAMES
EUSA

TESES DE DOUTORAMENTO



Provas de doutoramento: Mónica Lopes

Autor/a	Título	Doutoramento	Orientador/ra	Data das Provas
Paula Teresa de Abreu Casaleiro	Justiça procura Perícia(s). Os processos de regulação das responsabilidades parentais	Direito, Justiça e Cidadania no Séc. XXI (D-DJC)	Sílvia Portugal	24/07/2017
Jennifer Simpson dos Santos	Nuniã Kurá: as lutas das artesãs no amazonas	Sociologia (D-SOC)	José Manuel Mendes e Maria Irene Ramalho;	18/07/2017
Tamara Luisina Mascareno Varas	Clínicas jurídicas em Argentina: uma inovação crítica no ensino do direito e o acesso ao direito e à justiça	Direito, Justiça e Cidadania no Séc. XXI (D-DJC)	João Pedroso e Carlos Lista	6/07/2017
João Miguel Marques Alves Aldeia	Governar a Vida na Rua. Ensaio sobre a bio-tanato-política que faz os sem-abrigo sobreviver	Sociologia (D-SOC)	Sílvia Portugal	29/06/2017
Raul Llasag Fernandez	Constitucionalismo plurinacional en Ecuador y Bolivia a partir de los sistemas de vida de los pueblos indígenas	Pós-Colonialismos e Cidadania Global (D-PCCG)	Maria Paula Meneses e Boaventura de Sousa Santos	30/05/2017
Vladimir Santos Vitovsky	Fora do processo, dentro da comunidade: um estudo sobre possibilidades e limites de uma justiça participativa	Direito, Justiça e Cidadania no Séc. XXI (D-DJC)	Boaventura de Sousa Santos	17/04/2017
Cristiano Gianolla	Gandhian Democratisation. An Account Against Political Colonisation	Democracia no Séc. XXI (D-DSXXI)	Boaventura Sousa Santos, Giovanni Ruocco e José Manuel Mendes	20/03/2017
Maria Inês Martins Birrento do Nascimento Rodrigues	Espetros de Batepá, Memória, Identidade e Diferença Sexual nas Representações Literárias do «Massacre de 1953» em São Tomé e Príncipe	Pós-Colonialismos e Cidadania Global (D-PCCG)	Margarida Calafate Ribeiro e António Sousa Ribeiro	17/03/2017
Joana Margarida Pimentel Mateus Alves	Cuidar e Ser Cuidado - Uma Análise do Quotidiano, Permanente e de Longa Duração	Sociologia (D-SOC)	Sílvia Portugal	27/02/2017

MESTRADO EM SOCIOLOGIA – FEUC 2017

Autor	Título	Data	Orientador	Relatório/ Dissertação/ Projeto
Ian Pimantel Gameiro	Políticas Ativas de Emprego em Portugal	18-01-2017	Pedro Hespanha	Dissertação
Francisco João Fortuna Nunes	Biopolítica e Preparedness - população e infraestruturas perante a pandemia da gripe.	24-07-2017	João Arriscado Nunes	Dissertação
Pedro Daniel Gonçalves Saraiva	Mulheres, Desporto, Media: Noticiabilidade e objetificação sexual do desporto feminino nos jornais desportivos em Portugal (1996-2016)	26-07-2017	Virgínia Ferreira	Dissertação
Jackeline Rozeno Lopes	A invisibilidade da mulher em situação de sem abrigo: A neutralidade das políticas e respostas sociais sobre a integração da perspetiva transversal de género em Portugal.	22-09-2017	Pedro Hespanha	Dissertação
Fábio Luiz Ferraz Ming	A Jornada de Trabalho 12 por 36h: Contextos históricos, legitimações ideológicas e a realidade regulatória da expropriação dos direitos básicos do trabalhador na tradição trabalhista brasileira	28-09-2017	Paulo Peixoto	Dissertação
Sara Margarida da Silva Domingues	Crianças e Jovens em Perigo: um olhar a partir da CPCJ de Coimbra	22-02-2017	Paulo Peixoto	Relatório de Estágio
Inês Filipa dos Santos Oliveira	Assédio Moral e Conciliação Trabalho/Família - Perspectivas individuais e institucionais captadas no Centro do Mondego da Autoridade para as Condições do Trabalho	21-09-2017	Virgínia Ferreira	Relatório de Estágio
Filipa do Carmo Pereira Gomes	Mediação de Conflitos em Contexto Escolar	25-09-2017	José Manuel Mendes	Relatório de Estágio
Ricardo Jorge Franco de Almeida	Generation Y: An analysis of millennials' skills, perceptions, values and expectations against the promise(s) of the Gen-Y city project	26-09-2017	Paulo Peixoto	Relatório de Estágio
Leonor Célia Alves Batista Mendes	Dançar, Tocar Música e Fazer de Conta – Os Clubes escolares de cariz artístico no 2º e 3º ciclo do ensino básico	27-09-2017	André Brito Correia	Relatório de Estágio
Ana Catarina Fonseca Nobre	O papel da ADAV na vida das famílias que acompanha	28-09-2017	Paulo Peixoto	Relatório de Estágio
Ana Lúcia Mendes Teodósio	Aqui é Diferente! Inclusão Social e Formação Profissional de Pessoas com deficiência	27-10-2017	Sílvia Portugal	Relatório de Estágio



I JORNADAS DA SOCIOLOGIA – 13 e 14 de abril de 2018

Programa

Dia 13 de Abril (sexta-Feira)

11h00: Sessão de Abertura

12h00: Workshop *“Speak and lead”*

13h30: Almoço nas Cantinas Vermelhas

15h00: Feira de Emprego
(Coffee-break)

17h00: Palestra *“Experiências de Emprego em Sociologia”*

Oradoras:

Andreia Barbas

Carina Gomes

Joana Madureira

Joana Pimentel Alves

Moderador:

Professor Doutor Hermes Costa

20h00: Jantar Convívio – Febrada

Dia 14 de Abril (Sábado)

12h00: Conferência *“Do Estado Novo à Democracia: o que mudou?”*

Oradora:

Joana Mortágua

Moderadora:

Professora Doutora Sílvia Portugal

13h30: Almoço nas Cantinas Azuis

15h00: Apresentação do Projeto *“Capazes”*
(Coffee-break)

17h00: Conferência *“Até onde vão os Direitos Humanos?”*

Orador:

Boaventura de Sousa Santos

19h00: Sessão de Encerramento



X CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Na era da "pós-verdade"?

Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo

Covilhã // Universidade da Beira Interior

10, 11 E 12 de julho de 2018

Conferência de Abertura

Craig Calhoun

Datas importantes:

Inscrição de autores/as com comunicação aceite:
até 15 de abril de 2018

Divulgação do programa: 15 de maio de 2018

Entrega dos posters (upload/ carregamento online):
até 29 de maio de 2018

Divulgação do programa definitivo: 29 de maio de 2018

Inscrição de participantes sem comunicação: até 15 de junho, custo mais baixo; após 15 de junho, custo acrescido

X Congresso :10 a 12 de julho de 2018

Local do Congresso

Universidade da Beira Interior

Rua Marquês D'Ávila e Bolama

6201-001 Covilhã

GPS: +40° 16' 24.13"
-7° 30' 32.15"

Entidade Organizadora

Associação Portuguesa
de Sociologia

Av. Prof. Aníbal de

Bettencourt, 9

1600-189

+351 217803738

aps@aps.pt



Contactos Email: newssoc@fe.uc.pt | Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newssoc@fe.uc.pt.

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>